

VOZES DA RESISTÊNCIA – A MPB NOS ANOS DE CHUMBO COMO INSTRUMENTO DE LETRAMENTO CRÍTICO EM AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Autora (1): Luma Prado Fontes Atadaine¹

Orientador(a): Daniela Aparecida Vendramini Zanella²

Resumo: Este trabalho propõe investigar como a Música Popular Brasileira (MPB), especialmente no período dos Anos de Chumbo, pode ser utilizada como instrumento de letramento crítico no ensino de Língua Portuguesa. Parte-se da concepção freiriana (1989) de educação como prática social e transformadora, articulada à perspectiva dos letramentos múltiplos, que reconhece a diversidade de práticas de leitura e escrita em contextos socioculturais distintos. As canções da MPB são compreendidas como textos discursivos, poéticos e históricos capazes de revelar vozes de resistência e promover reflexão sobre temas como censura, liberdade e identidade nacional. A análise será conduzida por meio de uma abordagem qualitativa, centrada na análise discursiva de letras musicais produzidas sob o regime militar. Espera-se que a pesquisa contribua para o desenvolvimento de práticas pedagógicas mais críticas, dialógicas e sensíveis ao contexto social, favorecendo a formação cidadã e o engajamento dos estudantes com a linguagem como instrumento de emancipação.

Palavras-chave: MPB, Letramento crítico, Análise discursiva, Ditadura Militar, Língua Portuguesa.

Abstract: This study aims to investigate how Brazilian Popular Music (MPB), especially during the period known as the *Anos de Chumbo* (Years of Lead), can be used as an instrument of critical literacy in Portuguese language teaching. The research is based on Freire's conception (1989) of education as a social and transformative practice, articulated with the perspective of multiple literacies, which acknowledges the diversity of reading and writing practices across different sociocultural contexts. MPB songs are understood as discursive, poetic, and historical texts that reveal voices of resistance and foster reflection on themes such as censorship, freedom, and national identity. The analysis will be conducted through a qualitative approach, focusing on the discursive analysis of song lyrics produced under the military regime. It is expected that this study will contribute to more critical and dialogical pedagogical practices, promoting students' citizenship education and engagement with language as a tool for emancipation.

Key words: MPB, Critical literacy, Discourse analysis, Military dictatorship, Portuguese Language.

¹ UNISO, Sorocaba, São Paulo, Brasil. E-mail: 00113902@aluno.uniso.br

² UNISO, Sorocaba, São Paulo, Brasil. E-mail: daniela.zanella@prof.uniso.br | Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0331-545X>

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa propõe-se a investigar o uso da Música Popular Brasileira (MPB), especialmente aquela produzida durante os Anos de Chumbo, como instrumento de letramento crítico nas aulas de Língua Portuguesa. A escolha do tema se fundamenta na relevância teórica e prática da MPB como expressão cultural e política de resistência ao regime militar brasileiro, além de sua potência enquanto recurso didático. A análise parte das concepções de Paulo Freire (1989), para quem a leitura do mundo antecede e fundamenta a leitura da palavra, e das propostas de Roxane Rojo (2009), que enfatiza a necessidade de práticas pedagógicas baseadas nos letramentos múltiplos. Dessa forma, o trabalho busca estabelecer uma ponte entre o discurso musical e a formação crítica dos estudantes, promovendo uma educação que articule linguagem, cultura e cidadania.

2. METODOLOGIA

A pesquisa é de caráter qualitativo e interpretativa, pois busca compreender de que forma a Música Popular Brasileira (MPB), durante o período dos Anos de Chumbo, pode ser utilizada como instrumento de letramento crítico em aulas de Língua Portuguesa.

2.1 Método e abordagem

A pesquisa ancora-se nos pressupostos da Análise do Discurso Dialógica (ADD), fundamentada nas reflexões de Bakhtin (1992) e o Círculo. Essa perspectiva entende o enunciado como uma unidade concreta da comunicação verbal, marcada por vozes sociais, ideológicas e históricas em permanente interação.

Ao mesmo tempo, a metodologia incorpora o olhar freireano sobre a leitura do mundo, entendendo que ler e interpretar canções é também um exercício de consciência crítica e de mediação pedagógica (Freire, 1989). Dessa forma, a ADD é aqui empregada como ferramenta teórico-metodológica para descrever, analisar e interpretar o discurso da MPB como prática de resistência e como possibilidade de letramento crítico.

2.2 Fundamentação teórica e fontes

A fundamentação teórica será desenvolvida com base em obras de Bakhtin (1992), Freire (1989), Kristeva (1980), Rojo (2009), Souza (2010) e Sobreira (2016), que discutem a linguagem como prática social, o discurso como diálogo e a educação como prática libertadora.

A pesquisa bibliográfica será realizada em Google Acadêmico, SciELO, Periódicos CAPES e repositórios de universidades públicas (USP, UNICAMP, UFSC), de modo a garantir o acesso a materiais teóricos e análises críticas sobre MPB, censura e educação crítica.

2.3 *Corpus* da pesquisa

O *corpus* desta pesquisa é composto por três canções representativas da MPB, produzidas durante a ditadura militar e escolhidas devido ao seu potencial discursivo e pedagógico:

Apesar de Você (Chico Buarque, 1970)³, Cálice (Chico Buarque e Gilberto Gil, 1973)⁴ e Como Nossos Pais (Belchior, 1976)⁵.

Essas obras foram selecionadas por apresentarem enunciados de resistência política, crítica social e profundidade literária, permitindo examinar a interação entre discurso, contexto histórico e práticas de leitura crítica.

A trajetória de escolha seguiu três etapas: (a) levantamento de canções do período com temática de resistência; (b) análise preliminar das letras e dos contextos de produção; e (c) seleção final a partir da diversidade de vozes, autores e relevância pedagógica.

2.4 Procedimentos teórico-metodológicos

A análise foi desenvolvida em três momentos interdependentes, descrição, análise e interpretação, que se articulam às categorias da ADD.

a) Descrição:

Nessa etapa, foi feita a leitura atenta das letras e o registro dos elementos contextuais (ano, compositor, contexto de censura, momento histórico). Essa descrição inicial permitiu observar os traços discursivos e ideológicos que estruturam as canções e situá-las no panorama sociopolítico da época.

b) Análise:

Com base na ADD, investigaram-se as vozes sociais, os posicionamentos enunciativos e os recursos linguístico-discursivos (ironia, metáfora, ambiguidade, polifonia, silêncio).

c) Interpretação:

A partir do diálogo entre Bakhtin (1992) e Freire (1989), interpretou-se o discurso musical como ato de leitura do mundo, no qual o sujeito se posiciona criticamente diante da realidade. Cada canção foi, portanto, analisada como enunciado dialógico que reinterpreta o contexto de opressão e afirma a esperança, a denúncia e a resistência como práticas de linguagem e de conscientização.

2.5 Categorias de análise

O estudo foi orientado por um conjunto de categorias analíticas fundamentais. Estas categorias incluíram o Dialogismo (Bakhtin, 1992), que foca na relação entre as vozes em conflito presentes nos textos; as Estratégias de resistência discursiva, que englobam o uso da ironia, da metáfora, da ambiguidade e do silêncio; a Leitura do mundo (Freire, 1989), que estabelece a relação intrínseca entre a compreensão da realidade e a leitura da palavra; e, por fim, o Potencial de letramento crítico, que avalia as possibilidades pedagógicas de uso das canções na educação linguística.

³ BUARQUE, Chico. Apesar de você. 1970.

⁴ BUARQUE, Chico; GIL, Gilberto. Cálice. 1978.

⁵ BELCHIOR. Como nossos pais. 1976.

Essas categorias permitiram compreender como as canções analisadas funcionam como textos de resistência e, simultaneamente, como instrumentos de letramento crítico em aulas de Língua Portuguesa.

2.6 Perspectiva final

A partir desse percurso metodológico, a análise das três canções foi organizada em seções que seguem o movimento dialógico da ADD, descrição, análise e interpretação, a fim de evidenciar como o discurso musical constrói sentidos de resistência e de leitura crítica do mundo. Assim, o método e a análise se complementam: enquanto a metodologia define o caminho, o capítulo seguinte materializa sua aplicação concreta.

3. A LINGUAGEM COMO PRÁTICA SOCIAL

A discussão acerca da linguagem como prática social e dialógica, fundamentada em Bakhtin (1992) e articulada ao letramento crítico proposto por Freire (1989), orienta a presente análise. Parte-se da compreensão de que a Música Popular Brasileira (MPB), especialmente a produzida durante os Anos de Chumbo, pode funcionar como instrumento de letramento crítico no ensino de Língua Portuguesa.

Essa perspectiva compreende a linguagem não como um sistema fechado e limitado de regras, e sim como prática social permeada por ideologias, disputas de sentido e relações de poder. Assim, torna-se fundamental retomar conceitos centrais da teoria do discurso, como dialogia e intertextualidade, que possibilitam compreender tanto a potência quanto os limites da canção enquanto gênero discursivo de resistência.

Segundo Bakhtin (1992), todo enunciado constitui-se na relação com outros enunciados, funcionando como resposta ao que já foi dito e como antecipação de possíveis réplicas. Isso significa que a linguagem não se constitui de modo isolado, mas em interação contínua com discursos anteriores e posteriores, em um processo dinâmico de produção de sentidos. Nesse movimento, estabelece-se a dialogia, conceito central da teoria bakhtiniana, definida como o caráter responsivo e interativo da linguagem, sempre constituída na relação com o outro.

3.1 Dialogia e resistência na canção

Nesse sentido, a canção da MPB, especialmente sob a censura do regime militar, configura-se como um espaço privilegiado de dialogia (Bakhtin, 1992; Kristeva, 1980). Nela, o compositor responde às tensões históricas de seu tempo e, ao mesmo tempo, convoca o ouvinte a partilhar uma visão crítica da realidade.

As canções funcionam como espaços de múltiplas vozes - poéticas, políticas e populares - e revelam o caráter dialógico da linguagem. Um exemplo expressivo é a canção “*Cálice*”, de Chico Buarque e Gilberto Gil, que emprega a imagem bíblica do cálice para sugerir, em um jogo sonoro e semântico, a ordem de silêncio (“cale-se”) imposta pelo regime militar. Outro caso emblemático é “*Apesar de você*”, de Chico Buarque, em que o eu lírico se dirige a uma figura autoritária, amplamente interpretada como metáfora do governo, opondo ao silêncio e à repressão à esperança de um futuro de liberdade.

3.2 Intertextualidade e memória cultural

A intertextualidade, conforme formulada por Kristeva (1969), refere-se à noção de que todo texto se constitui como um mosaico de citações, elaborado na relação permanente com outros textos e discursos. Trata-se, portanto, de um diálogo entre diferentes vozes que atravessam a produção textual (Bakhtin, 1992).

Essa dinâmica manifesta-se tanto nas alusões a obras literárias e tradições poéticas quanto na reelaboração de discursos sociais e políticos. Ao articular referências religiosas, culturais e políticas com a experiência histórica da censura, as canções ressignificam símbolos coletivos, tornando-se um repositório de memória cultural e preservando o espaço de denúncia e de memória coletiva.

3.3 Controle ideológico, censura e resistência

Compreender a linguagem em sua dimensão política exige reconhecer como certos enunciados podem buscar impor sentidos fixos e inquestionáveis, exigindo adesão plena e imediata, sem espaço para interpretação ou diálogo crítico (Bakhtin, 1992).

No período da ditadura militar brasileira, essa lógica se manifestou não apenas nos pronunciamentos oficiais do regime, mas também na censura que restringia a circulação de obras artísticas e limitava a expressão cultural. Nesse contexto, a canção de protesto configurou-se como uma forma de resistência crítica, o que tencionou os limites impostos pelo controle ideológico e abriu brechas para a emergência de vozes dissidentes, o que permitiu a expressão de sentidos alternativos e a mobilização de leituras críticas da realidade social e política.

3.4 Implicações pedagógicas: letramento crítico e educação linguística

É nesse embate entre a imposição de sentidos e a multiplicidade dialógica da linguagem que a MPB revela sua força como recurso pedagógico. A análise das canções em sala de aula, à luz do pensamento freiriano, possibilita que os estudantes percebam a linguagem como espaço de disputa e resistência.

Ao promover o letramento crítico, o professor convida os alunos a não apenas decodificar a letra da música, mas a desvelar as condições históricas e sociais de sua produção, reconhecendo os efeitos de poder inscritos em cada enunciado. Essa abordagem conecta-se com o conceito de multiletramentos de Rojo (2009), que caracteriza o texto, a música e o contexto histórico como instrumentos integrados de aprendizagem.

4. CONTEXTO HISTÓRICO

O período conhecido como “anos de chumbo” (1969–1974) foi marcado pela disseminação da repressão política e pela institucionalização da censura como instrumento de controle social. Nesse contexto, a Música Popular Brasileira (MPB) consolidou-se como um espaço de resistência cultural, que atuou como expressão estética e veículo de oposição à ditadura militar.

Segundo Souza (2010), a censura política incidiu de forma particularmente rigorosa sobre as canções de protesto, ela vetava ou modificava letras que “contivessem protestos políticos contra a ordem ou o regime político que os militares implantaram no golpe de 1964”. Essa vigilância sistemática, amparada pela Doutrina de Segurança Nacional e intensificada após o AI-5, buscava silenciar vozes dissonantes, e atingiu de modo direto a produção artística.

Entretanto, como observa o autor, onde há repressão também se criam brechas de resistência: “Nunca existirá censura sem resistência, e vice-versa, pois do contrário estaríamos supondo homogeneidades e ausência de conflitos em sociedade” (Souza, 2010, p. 272). Os compositores da MPB mobilizaram recursos linguísticos e poéticos, como metáforas, ambiguidade semântica e construções alegóricas, para escapar da censura e manter viva a crítica social.

Sobreira (2016) ressalta que a força da MPB no período não estava presente apenas nas letras, mas na interação entre letra e música, o que ampliava as possibilidades de resistência. Para o autor, a canção engajada “produz sentido não apenas pelo que diz, mas também pelo modo como diz”, de modo que arranjos, ritmos e melodias reforçaram a mensagem crítica (Sobreira, 2016, p. 52). Essa articulação entre palavra e sonoridade permitiu que muitos artistas comunicassem conteúdos subversivos de maneira cifrada, acessíveis ao público, mas menos evidentes aos censores.

Os festivais de música televisionados também tiveram um papel central nesse processo. Eles funcionaram como espaços de formação de público e de legitimação da canção de protesto, mesmo diante da censura crescente. Como observa Sobreira (2016, p. 58), “os festivais se tornaram o momento e o espaço privilegiados para a constituição da MPB”, o que reforçou sua função de arena cultural e política.

Assim, a MPB nos anos de chumbo não foi apenas alvo da censura, mas também um campo de invenção criativa e resistência. O uso de metáforas, a construção de mensagens ambíguas e a força da performance coletiva fizeram da canção uma forma de luta simbólica. Como sintetiza Souza (2010, p. 246), a metáfora foi uma “prática de resistência usada por alguns compositores durante a ditadura militar para fugir do silenciamento e fazer valer, de certa forma, suas pequenas vitórias”.

Dessa maneira, compreende-se a MPB como um espaço de disputa e de memória, no qual a arte ressignificou símbolos coletivos e preservou valores democráticos em meio à repressão. Mais do que entretenimento, as canções da época constituíram-se como testemunhos históricos e instrumentos de letramento crítico, capazes de mobilizar a consciência social e a esperança em um futuro de liberdade.

5. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A investigação sobre a Música Popular Brasileira como prática de letramento crítico em aulas de Língua Portuguesa exige o estabelecimento de um tripé teórico que articule o estudo da linguagem em sua dimensão social, crítica e multimodal. Essa fundamentação teórica sustenta tanto a análise dos artefatos discursivos (as canções) quanto a proposta de intervenção pedagógica.

O ponto de partida reside na Análise Dialógica do Discurso (ADD), que, na perspectiva de Mikhail Bakhtin (1992), concebe a linguagem como prática social e ideológica, permanentemente atravessada pelo dialogismo. Essa visão rompe com a ideia de uma língua como sistema abstrato para entendê-la como o espaço concreto onde os enunciados se materializam em resposta a discursos anteriores e em antecipação a possíveis réplicas (Bakhtin, 1992). O enunciado, nesse contexto, é sempre responsivo, voltado para o Outro, e é no embate entre as vozes que o sentido é produzido. O reconhecimento desse caráter dialógico é crucial, pois permite analisar a MPB da ditadura como um gênero discursivo de resistência.

A análise do enunciado como prática dialógica ganha sua dimensão pedagógica e política ao ser articulada ao conceito de Letramento Crítico proposto por Paulo Freire. Para Freire (1989), o ato de ler é inseparável da leitura do mundo, sendo a compreensão crítica da realidade a base para a leitura da palavra. O letramento, portanto, não é uma mera técnica de decodificação, mas um processo de intervenção. A tarefa revolucionária da educação, na visão freiriana, exige formar e não apenas informar, desafiando os estudantes "a pensar, a analisar a realidade" para que assumam "responsabilidades no ato de formar-se", o que transforma a passividade em ação (Freire, 1989, p. 49). Ao aplicar esse princípio às canções da MPB, o professor move o estudante da decodificação da letra para a desvelação das ideologias e das relações de poder que a produziram, permitindo-lhe exercer uma leitura crítica do seu contexto histórico e social.

Essa abordagem se completa e se expande com o conceito de Letramentos Múltiplos, formulado por Roxane Rojo (2009), que reconhece a insuficiência do letramento tradicional para lidar com a complexidade das práticas sociais contemporâneas. Rojo defende que a educação linguística deve incorporar as diversas linguagens e mídias da vida urbana, trazendo para o ambiente escolar não apenas a "cultura valorizada, dominante, canônica, mas também as culturas locais e populares e a cultura de massa" (Rojo, 2009, p. 128). A canção de protesto, ao conjugar a letra (linguagem verbal), a melodia e o ritmo (linguagens sonoras), e a performance em festivais (linguagem corporal e visual), configura-se como um artefato multissemiótico por excelência, exigindo que a escola promova letramentos críticos e protagonistas. A perspectiva de Rojo, portanto, fornece o enquadramento ideal para o estudo da MPB em sala, valoriza sua dimensão complexa e garante que o objetivo final da escola seja possibilitar que os alunos participem das variadas práticas sociais de maneira ética, crítica e democrática (Rojo, 2009).

6. ANÁLISE E DISCUSSÃO

A análise desenvolvida nesta seção adota uma perspectiva dialógica do discurso (Bakhtin, 1992) para examinar três canções da Música Popular Brasileira compostas durante o período da ditadura militar: *Apesar de Você* (Chico Buarque, 1970), *Como Nossos Pais* (Belchior, 1976) e *Cálice* (Chico Buarque e Gilberto Gil, 1973). O estudo fundamenta-se na concepção bakhtiniana de linguagem como prática social e dialógica e dialoga com Paulo Freire (1989), cuja compreensão da leitura como ato político, criador e situado articula palavra, experiência e contexto histórico. Nessa perspectiva, o discurso musical é compreendido como forma de interpretar, problematizar e recriar a realidade, articulando vozes individuais e coletivas em um processo de conscientização crítica.

Segundo Bakhtin (1992), todo enunciado se constitui na relação entre diferentes vozes sociais e emerge como resposta a discursos anteriores. Freire (1989), por sua vez, destaca que ler não

se limita à decodificação de palavras, mas implica compreender criticamente a realidade e reescrevê-la, em um processo que articula linguagem, experiência e ação transformadora. As canções analisadas, portanto, configuram-se como enunciados de resistência e de interpretação crítica da sociedade brasileira sob o regime autoritário.

6.1 Apesar de você – a ironia como resistência

Composta por Chico Buarque em 1970, *Apesar de Você* apresenta um discurso de aparente desavença amorosa, mas cujo “você” funciona como personificação do poder autoritário. A letra transformou-se em símbolo de resistência social e política. Excerto (1): “Apesar de você, amanhã há de ser outro dia.” O uso reiterado do pronome “você” marca a presença de um interlocutor coletivo, ligado ao regime. A estrutura adversativa do verso gera tensão dialogal e responsividade crítica, articulando enfrentamento e esperança. A ironia opera como estratégia discursiva de resistência e como forma de dizer o que a censura tentava impedir. A canção expressa o que Freire (1989) descreve como “ato criador” da leitura e da escrita: o sujeito interpreta sua realidade e a reinscreve por meio da linguagem, assumindo-se como agente histórico. Assim, ao transformar o silêncio imposto em palavra, o eu lírico recupera a dimensão política da linguagem como prática de liberdade. Na perspectiva bakhtiniana, o enunciado confronta o discurso dominante por meio da ironia, configurando resistência simbólica.

6.2 Como nossos pais – o desencanto e o diálogo entre gerações

Lançada em 1976, *Como Nossos Pais* reflete o desencanto de uma geração que percebe a repetição de padrões conservadores. Excerto (2): “Ainda somos os mesmos e vivemos como os nossos pais.” O advérbio “ainda” marca permanência e frustração. O verbo “vivemos”, na primeira pessoa do plural, constrói uma voz coletiva que denuncia a reprodução de comportamentos sociais. A canção articula o diálogo entre passado e presente, juventude e maturidade, criando um processo de autocrítica geracional. Em diálogo com Freire (1989), a canção representa um momento em que há percepção das contradições da realidade, mas tal percepção ainda não se converte plenamente em ação transformadora. Freire observa que a leitura crítica precisa se associar a práticas concretas no mundo para constituir conscientização efetiva. Assim, a canção convida o ouvinte a revisar seus próprios modos de existência e suas escolhas éticas, recuperando a dimensão política da responsabilidade geracional.

6.3 Cálice – o silêncio como denúncia

Escrita por Chico Buarque e Gilberto Gil em 1973, *Cálice* é uma das canções mais potentes do período de censura. Excerto (3): “Pai, afasta de mim esse cálice.” O jogo entre “cálice” e “cale-se” apresenta um duplo sentido que equilibra crítica e dissimulação. A alternância entre referências religiosas e acusações políticas produz um dialogismo intertextual característico da linguagem bakhtiniana. O refrão repetido materializa a própria experiência da censura, tornando o não dito uma forma de significar. Segundo Freire (1989), o silêncio imposto ao sujeito é também um campo de disputa, pois mesmo negado, o direito à palavra permanece como desejo e como resistência. O sujeito de *Cálice* tenta afirmar sua presença discursiva apesar da repressão e produz um gesto político por meio da linguagem. Para Bakhtin, esse silêncio constitui responsividade contida: uma resposta que não pode ser expressa, mas que persiste no enunciado.

6.4 Síntese interpretativa

As três canções analisadas evidenciam que a MPB, durante a ditadura militar, funcionou como espaço privilegiado de resistência discursiva. Em *Apesar de Você*, a ironia subverte o poder; em *Como Nossos Pais*, o desencanto transforma-se em autocrítica; e em *Cálice*, o silêncio assume forma de denúncia. A partir de Bakhtin (1992), observa-se o dialogismo que articula múltiplas vozes em tensão. A partir de Freire (1989), identifica-se que as canções realizam um ato de leitura crítica da realidade associado à criação e à ação política, dimensão central da educação libertadora. Essas obras configuram-se, portanto, como textos políticos e sociais capazes de promover letramento crítico no contexto educacional, o que permite ao aluno compreender a canção como prática discursiva situada historicamente.

7. APLICAÇÃO PEDAGÓGICA

7.1 Fundamentos teóricos da proposta

A proposta de aplicação pedagógica apresentada nesta seção nasce da articulação entre os princípios da educação crítica de Paulo Freire (1989) e a perspectiva dos multiletramentos discutida por Roxane Rojo (2009), tendo como *corpus* a análise de três canções da MPB produzidas durante a ditadura militar. Parte-se da compreensão de que a leitura, segundo Freire (1989), não se limita ao ato de decodificar palavras, mas envolve interpretar o mundo, reconhecer relações de poder e posicionar-se diante da realidade. Assim, trabalhar canções que emergiram como discursos de resistência torna-se uma forma de aproximar o estudante da história recente do país, ao mesmo tempo em que desenvolve sua capacidade de leitura crítica e sua participação ativa nas práticas sociais de linguagem.

Rojo (2009) contribui à proposta ao defender que a escola precisa ampliar os tipos de textos que circulam em sala de aula, incorporando gêneros da cultura popular, das mídias e das práticas sociais contemporâneas. A canção, que combina linguagem verbal, sonoridade, performance e memória social, favorece práticas de multiletramentos e amplia o repertório cultural do estudante. Dessa forma, unir Freire (1989) e Rojo (1989) permite uma abordagem que reconhece simultaneamente a dimensão política da leitura e a necessidade de trabalhar linguagens diversas no ensino de Língua Portuguesa.

Nesse sentido, a proposta também dialoga diretamente com o que orienta a BNCC (Brasil, 2017) no Campo Artístico-Literário dos Anos Finais, que enfatiza a necessidade de garantir a continuidade da formação do leitor literário, valoriza a fruição, o contato sensível com obras artísticas e a compreensão de suas múltiplas camadas de sentido. Ao trabalhar canções da MPB como manifestações estético-literárias, esta proposta atende ao objetivo de formar leitores-fruidores capazes de se implicar profundamente nos textos, reconhecer suas dimensões estéticas e compreender os efeitos de sentido gerados pelos recursos poéticos e discursivos presentes nas obras.

7.2 Contextualização e leitura de mundo

A aplicação pedagógica inicia-se pela contextualização histórica das canções. Antes de adentrar as letras, os estudantes são convidados a discutir o período da ditadura militar, a censura, as restrições à liberdade de expressão e o papel da arte como espaço de resistência.

Esse momento dialoga diretamente com o que Freire (1989) entende como leitura do mundo: os alunos mobilizam seus conhecimentos prévios, compartilham percepções e identificam tensões e silenciamentos que atravessam tanto o passado quanto a atualidade. Ao reconhecer que certas vozes foram caladas e que determinados discursos foram proibidos ou manipulados, o estudante é preparado para compreender a potência política das canções que serão analisadas.

7.3 Leitura e análise das canções

A segunda etapa envolve a leitura e a escuta atenta das músicas *Apesar de Você*, *Como Nossos Pais* e *Cálice*. A análise baseia-se no dialogismo bakhtiniano, que entende o texto como um enunciado atravessado por múltiplas vozes sociais. Em sala de aula, isso se traduz no reconhecimento das ironias dirigidas ao poder, dos silêncios impostos, do desencantamento geracional e das metáforas que permitem que sentidos proibidos sejam ditos de forma indireta. Assim, ao analisar *Apesar de Você*, os alunos compreendem como a ironia funciona como resistência; em *Como Nossos Pais*, identificam a voz coletiva que expressa frustração e permanência de estruturas conservadoras; e em *Cálice*, compreendem a força simbólica do silêncio e a maneira como o jogo sonoro entre “cálice” e “cale-se” denuncia a violência da censura. Nessas leituras, os estudantes exercitam a interpretação crítica, conectam linguagem e contexto e percebem a canção como espaço de disputa discursiva.

7.4 Multiletramentos e produções dos estudantes

Seguindo as contribuições de Rojo (2009), a proposta avança para o campo dos multiletramentos e amplia o contato com diferentes linguagens que compõem o universo das músicas estudadas. Os estudantes podem assistir a apresentações ao vivo, comparar gravações, analisar capas de discos ou observar entrevistas com os compositores. Essas práticas permitem compreender como a performance, a imagem e a oralidade também constroem sentidos, aproximando a sala de aula das práticas de letramento que já fazem parte da vida dos alunos.

A proposta culmina na produção dos estudantes. Inspirados pelas canções analisadas, eles são convidados a criar textos próprios, poemas, comentários críticos, paródias, podcasts, cartazes ou vídeos curtos, que expressam suas interpretações e posicionamentos. Essa etapa reforça a concepção freireana de que ler é também escrever o mundo que produz novos sentidos e se assume como sujeito histórico. A autoria dos alunos torna-se parte essencial do processo pedagógico, pois indica que a leitura realizada não foi apenas passiva, mas transformadora.

7.5 Avaliação e contribuições pedagógicas

A avaliação ocorre de forma contínua e dialógica, que considera o envolvimento dos alunos nas discussões, a capacidade de relacionar texto e contexto político e a qualidade das produções finais. Mais do que medir desempenho, a avaliação busca compreender como cada estudante avançou em sua leitura crítica da linguagem e da sociedade.

Dessa maneira, a aplicação pedagógica fundamentada na MPB de resistência, em Freire (1989), Rojo (2009) e Bakhtin (1992), contribui para a formação de leitores críticos, capazes de reconhecer as relações entre linguagem, poder e história. A canção revela-se um instrumento potente de ensino, pois permite que o estudante se aproxime da arte, da memória

e da política de maneira sensível, que desenvolve não apenas habilidades linguísticas, mas também consciência histórica, ética e cidadã.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de conclusão de curso teve como objetivo investigar de que modo a Música Popular Brasileira (MPB), sobretudo as canções produzidas durante a ditadura militar, pode ser compreendida como instrumento de letramento crítico nas aulas de Língua Portuguesa. A partir de uma perspectiva dialógica do discurso, fundamentada em Mikhail Bakhtin, e de uma concepção freireana de leitura de mundo, buscou-se compreender de que modo a linguagem poética e musical se constitui como espaço de resistência e produção de sentidos em contextos de opressão.

A análise das canções “Apesar de Você” (Chico Buarque, 1970), “Como Nossos Pais” (Belchior, 1976) e “Cálice” (Chico Buarque e Gilberto Gil, 1973) evidenciou que a MPB ultrapassa os limites da estética e assume papel político e pedagógico, ao mobilizar vozes sociais que se contrapõem ao silenciamento imposto pelo regime militar. As composições analisadas mostram uma tensão entre o dizer e o interdito, o que instaura o diálogo entre sujeitos históricos e reafirma a potência da arte como discurso de resistência.

Ao partir dessa leitura dialógica, foi possível apurar que o ensino de Língua Portuguesa pode ser atravessado por práticas que valorizem o texto como enunciação viva, inserida em um contexto social e ideológico. Nesse sentido, a utilização de canções da MPB em sala de aula pode contribuir para o desenvolvimento de uma postura crítica diante da linguagem e pode também estimular os estudantes a lerem não apenas palavras, mas o mundo, conforme propõe Paulo Freire em *A importância do ato de ler* (1989).

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa qualitativa de base bibliográfica e analítica permitiu conectar referenciais teóricos e textos musicais, criando um ambiente para reflexões sobre o papel da escola na formação de indivíduos críticos e conscientes. Embora o estudo tenha se concentrado em um recorte histórico específico, as reflexões aqui apresentadas podem ser ampliadas para outros contextos e obras da música brasileira, o que reafirma o caráter inacabado e contínuo do conhecimento.

No que se refere à educação básica, as reflexões desenvolvidas nesta pesquisa apontam para a viabilidade de atividades pedagógicas que articulem arte, linguagem e história social. A MPB, ao ser incorporada às práticas de ensino, pode oferecer material significativo para promover debates sobre cidadania, identidade, resistência e democracia. Uma possível proposta de aula seria a leitura e análise de letras de canções vinculadas a períodos históricos específicos, seguida da produção de textos autorais, como reescritas, paródias ou reflexões, possibilitando ao aluno dialogar com o passado e compreender sua posição no presente.

Essa integração entre arte e ensino atende às diretrizes da Resolução CNE/CP nº 2/2019, que orienta a formação docente pautada na prática e na articulação entre teoria e realidade escolar. Ao propor o uso da MPB como ferramenta de letramento crítico, este trabalho aponta o compromisso social da educação e o papel do professor como mediador de leituras múltiplas e transformadoras.

Por fim, reconhece-se que o tema não se encerra aqui. A pesquisa não pretendeu esgotar as possibilidades de análise da MPB, mas abrir caminhos para novas investigações que aprofundem a interface entre música, linguagem e formação crítica. Assim, este estudo destaca que a linguagem, viva e dialógica, segue em constante movimento e que, através da arte, novas vozes continuam a resistir, ensinar e (re)significar o mundo.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes [1. ed., 1979], 1992.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1989.

KRISTEVA, Julia. **Word, Dialogue and Novel. In: Desire in Language: A Semiotic Approach to Literature and Art**. New York: Columbia University Press, 1980.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola, 2009.

SOBREIRA, José Alfredo Silva Melo. **Representações da oposição à ditadura militar em canções da MPB: uma análise da interação entre letra e música**. 2016. 118 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2016.

SOUZA, Amilton Justo de. **“Este é o meu parecer”:** a censura política da música de protesto nos anos de chumbo do regime militar do Brasil (1969-1974). 2010. 350 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao PIBID (Capes) e ao PROBEX (UNISO), cujas experiências ampliaram minha formação docente e humana, fazendo-me compreender, de maneira prática, a beleza e a responsabilidade de ser educadora.

Agradeço ao Deus Trino, que tem me sustentado até aqui. É olhando para Jesus de Nazaré que encontro minha maior inspiração para educar com amor, humanidade e sensibilidade.

À minha família, pelo apoio em cada etapa desta jornada, e aos meus professores, da educação básica ao ensino superior, e orientadores, cujo exemplo me inspira como futura educadora. Como ensina o saber africano, “é preciso uma aldeia inteira para criar uma criança”, e este trabalho é fruto dessa rede de apoio que me formou e me acompanhou ao longo do caminho.